

«Para você, quais são os momentos mais significativos da nossa experiência?»

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

15. «Pai nosso»

de Luigi Giussani*

O fruto supremo de toda essa renovação trazida pelo dom imprevisível do Espírito é uma palavra nova e um gesto novo dos quais o homem se torna capaz.

A palavra e o gesto são a expressão do modo como o homem vê, sente, enfrenta e se empenha com a realidade.

A urgência das necessidades humanas, as inesgotáveis tentativas para satisfazê-las, a inevitável e intolerável perplexidade final, tudo isto inspira, plasma e continuamente suscita o grito da palavra humana ou o empenho do gesto humano: grito e empenho tão necessitados pela natureza quanto incertos e imprecisos nos seus termos quando a violência não dá a eles nem mesmo a fixação ou obtusidade mórbida da loucura. O homem tende a alguma coisa e espera, e não sabe o quê. O dom do Espírito e a descoberta e aceitação de Cristo como centro de todas as coisas dão finalmente ao empenho do homem – à palavra e ao gesto – um termo definitivo, uma consciência que cumpre a disposição da razão e realiza a premissa de uma liberdade plena, um objeto preciso e sem ambiguidades.

O grito novo, a “palavra redimida”, é a *oração cristã*. «Não sabemos o que pedir: é o Espírito que vem em socorro de nossa fraqueza... E nele todos nós clamamos: “Abbá, ó Pai!”».¹

A observação de São Paulo nos reporta àquele extraordinário documento humano e cristão que é a primeira parte do décimo primeiro capítulo de São Lucas: «Um dia, Jesus estava rezando num certo lugar. Quando terminou, um de seus discípulos pediu-lhe: “Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou a seus discípulos”. Jesus respondeu: “Quando rezardes, dizei: ‘Pai, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Dá-nos a cada dia o pão de que precisamos, e perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos a todos os nossos devedores, e não nos deixes cair em tentação’”.

«Disse-lhes ainda: “Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: ‘Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem e nada tenho para lhe oferecer’; e se o outro responder lá de dentro: ‘Não me incomodes! Já tranquei a porta e meus filhos e eu já estamos deitados; não me posso levantar para te dar os pães’; eu vos declaro: mesmo que o outro não se levante para dá-los porque é seu amigo, vai levantar-se ao menos por causa da impertinência dele, e lhe dará quanto for necessário. Portanto, eu vos digo: pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei e vos será aberto. Pois quem pede, recebe; quem procura, encontra; e, para quem bate, se abrirá. Será que algum de vós que »

¹ Cf. Rm 8,15.26.

* Do volume *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2006, pp. 139-142.

» é pai, se o filho pedir um pão, lhe dará uma pedra? Ou se o filho pedir um peixe lhe dará uma cobra? Ou ainda, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!»²

A aspiração do homem se traduz em um “tu” pessoal, conhecido e preciso como o da mãe, e em um pedido claro, exaustivo, em uma consciência plena da relação existente entre os termos do diálogo: «Pai nosso... venha o vosso reino... perdoai-nos as nossas ofensas... livrai-nos do mal».³ «Ninguém pode dizer: “Jesus é o Senhor”, a não ser no Espírito Santo».⁴

E a redenção do gesto é o *Sacramento*.

Com ele, o empenho existencial não tem mais o profundo perigo de se inebriar ou de perverter a rota, na tentativa de alcançar a realidade genuína através da entrega à aparência das coisas; no gesto do Sacramento, o sinal sensível que empenha o homem o conduz com infável segurança a tocar a realidade divina. Por isso, nenhum gesto humano realiza, com tão tranquila plenitude, aquela espera que impele o homem à ação.

Há uma consequência maravilhosa dessa redenção da palavra e do gesto humano; e é que a dimensão comunitária nasce do próprio coração da palavra nova e do gesto novo, da oração ou do sacramento; tanto assim que não pode mais existir um verdadeiro pedido a Deus ou um verdadeiro empenho com Ele que não sejam, ao menos implicitamente, abertos a toda a comunidade de Seu reino. A abertura comunitária determina a verdade da palavra e a justeza do gesto de cada um. «Quando rezardes, dizei: “Pai nosso, venha o vosso Reino”». «Nós todos somos um só corpo, pois todos participamos do único pão».⁵

A impotência para a felicidade constitui no nosso caminho comum a sugestão mais aguda a viver juntos; mas, muito mais profundamente, somos levados a descobrir que somos uma só coisa pela revelação de que a felicidade de cada um é uma Realidade comum a todos: «*idem Spiritus... idem Dominus... idem Deus*» («um só Espírito... um só Senhor... um só Deus»).

A *liturgia* é a expressão maior da novidade de oração e de gesto da qual o Espírito torna o homem capaz.

Ela gera a forma suprema da comunidade terrestre, onde o indivíduo é valorizado em toda a sua plenitude exatamente na aceitação da comunhão universal dos filhos de Deus e onde até a natureza material – tempo e coisas – é assumida numa unidade de gesto que verdadeiramente representa o início daquela redenção da própria natureza física de que fala São Paulo: «Sabemos que toda a criação, até ao tempo presente, está gemendo como que em dores de parto».⁶

Por esta sua plenitude, a liturgia se torna o único lugar de autêntica e completa educação para receber o Espírito e para seguir a sua ação transformadora.

² Lc 11,1-13.

³ Mt 6,9-10.

⁴ 1Cor 12,3.

⁵ Cf. Lc 11,2; 1Cor 10,17.

⁶ Rm 8,22.